A MISSÃO COMO PRIORIDADE ABSOLUTA DA IGREJA

A prioridade da missão evangelizadora da Igreja, hoje, é configurada e traduzida em linhas de ação do papa Francisco na exortação apostólica *Evangelii gaudium*, sobre a qual me reporto. Quero fazer falar ele, para ressoar sua palavra que toca os corações e move à fidelidade operativa.

«A atividade missionária representa o máximo desafio para a Igreja, e a causa missionária deve ser a primeira» (15). Esta está inscrita no próprio ser da Igreja, à qual é, em si mesma, missionária: constituída tal por Cristo, que lhe confiou o mandato que ele recebeu do Pai (Jo 20,21). Tal mandato assume, hoje, o caráter de uma urgência particular, provocada pela secularização da sociedade que causa a descristianização. Por isso «não podemos mais permanecer tranquilos, em espera passiva, dentro das nossas igrejas»: «é necessário passar de uma pastoral de simples conservação a uma pastoral decididamente missionária» (15). Daqui a dúplice complementar imagem de uma «Igreja em saída» (20ss.) – «Igreja de missão» (97) – para dirigir-se àqueles que estão fora. E de uma «Igreja com as portas abertas» (46), para acolher quem vem. São as duas coordenadas da missão: ir e acolher.

Para essa prioridade, «a ação missionária é o paradigma de cada obra da Igreja» (15). Ocorre «colocar tudo em chave missionária» (34). «Os consensos, os estilos, os horários, a linguagem e cada estrutura eclesial se tornem um canal adequado para a evangelização, mais que pela autopreservação. Cada renovação, na Igreja, deve ter a missão como seu objetivo para não cair numa espécie de introversão eclesial» (27). Isto chama «à transformação missionária da igreja» (19ss.): «Constituamo-nos em estado permanente de missão» (25).

A Igreja é missionária em cada componente. Assim, que ninguém possa sentir a vocação e a «conversão missionária» (30) como avulsa e marginal. «Em virtude do Batismo, cada membro do Povo de Deus se tornou discípulo missionário» 120). Discípulo na escuta e missionário na saída. A missão é para o discipulado, e o discipulado é para a missão. É preciso repolarizar sobre a missão um relacionamento equilibrado sobre um discipulado autorreferencial e espiritualístico. A espiritualidade cristã não reverbera o cristão sobre si mesmo. É «uma espiritualidade missionária» (78), que conduz ao crescimento na santidade na extroversão evangelizadora da caridade. E tem viva a consciência de que «a missão não é uma parte da minha vida, ou um ornamento do qual posso me desfazer, não é um apêndice, ou um momento da existência. É algo que não posso erradicar do meu ser. Eu *estou em missão* sobre esta terra, e para isso estou neste mundo. É preciso reconhecer-se a si mesmo como marcados com fogo para tal missão de iluminar, bendizer, vivificar, elevar, curar, libertar» (273).

Conscientes, ao mesmo tempo, de que a missão é um dar, mas também um receber: «o empenho da evangelização enriquece a mente e o coração, abre-nos aos horizontes espirituais, torna-nos mais sensíveis para reconhecer a ação do Espírito, nos faz sair dos nossos esquemas espirituais limitados. Ao mesmo tempo, um missionário plenamente dedicado ao seu trabalho experimenta o prazer de ser uma fonte, que fortalece e refresca os outros. Só pode ser missionário quem se sente bem ao procurar o bem do próximo, quem deseja a felicidade dos outros. Essa abertura do coração é fonte de felicidade, porque "se é mais feliz em dar do que em receber"(At 20,35)» (272).

Mauro Cozzoli
Especialista em Teologia Moral
na Pontifícia Universidade Lateranense